

## O corpo de Diadorim

Nestor L. Lima Vaz\*

**RESUMO:** A leitura do romance de Guimarães Rosa fez surgir uma escrita que articula nesse espaço e tempo da literatura uma homologia com aquilo que advém da psicanálise como lituraterra, no atravessamento de uma análise, em que se separam um destino trágico e uma nova vida tal como acontece com Diadorim e Riobaldo. A impossibilidade dessa conjunção só faz cintilar o brilho de Diadorim para Riobaldo marcando nesse enigma do corpo e do desejo feminino, o lugar onde a letra encontra sua raiz, sua causa.

**Palavras-chave:** SERTÃO; TRAVESSIA; CORPO; LITERATURA; FEMININO; DESTINO.

### Diadorim's body

**ABSTRACT:** Reading Guimarães Rosa's novel gave rise to a writing that articulates, in this literary space and time, a homology with what emerges from psychoanalysis as lituraterra, in the traversal of an analysis where a tragic destiny and a new life are separated, as happens with Diadorim and Riobaldo. The impossibility of this conjunction only makes Diadorim's brilliance shine for Riobaldo, marking in this enigma of the body and feminine desire the place where the letter finds its root, its cause.

**Keywords:** SERTÃO; CROSSING; BODY; LITERATURE; FEMININE; DESTINY.

### El cuerpo de Diadorim

**RESUMEN:** La lectura de la novela de Guimarães Rosa dio origen a una escritura que articula, en este espacio y tiempo literarios, una homología con lo que emerge del psicoanálisis como lituraterra, en la travesía de un análisis donde un destino trágico y una nueva vida se separan, como sucede con Diadorim y Riobaldo. La imposibilidad de esta conjunción solo hace brillar la brillantez de Diadorim para Riobaldo, marcando en este enigma del cuerpo y el deseo femenino el lugar donde la letra encuentra su raíz, su causa.

**Palabras clave:** SERTÃO; CRUCE; CUERPO; LITERATURA; FEMENINO; DESTINO.

*Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece.*

*Eu atravesso as coisas — e no meio da travessia não vejo! — só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada.*

*Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa, mas vai dar na outra banda e num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?*

Este texto nasceu da paixão de uma leitura. Não de uma leitura qualquer, mas de uma que impõe uma escrita, e uma escrita que fizesse apaziguar, como se fosse possível, os efeitos produzidos por cada significante, por cada letra no seu trabalho incessante de constituir a trama,

---

\* Psicólogo (UFRJ). Psicanalista. Escola Letra Freudiana, Rio de Janeiro (RJ).

E-mail: [nestorlimavaz@gmail.com](mailto:nestorlimavaz@gmail.com).

ORCID Id: <https://orcid.org/0009-0006-7822-5893>

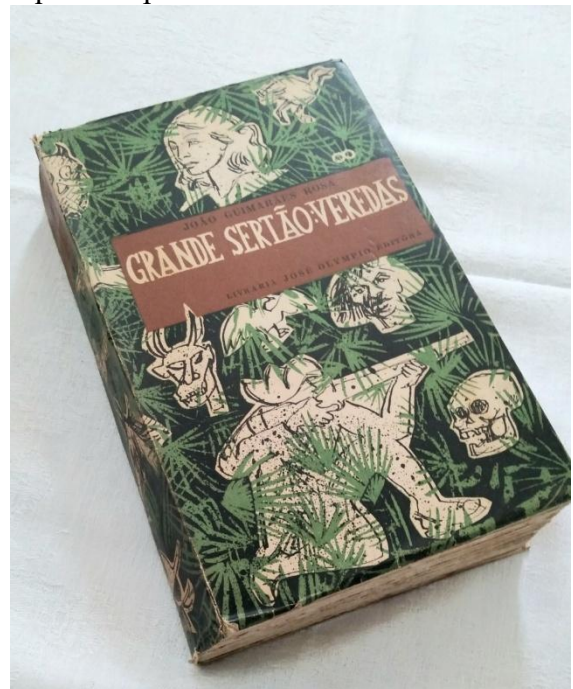
o corpo de cada personagem. Esse corpo é o corpo da literatura. Ao mesmo tempo que fixando o meu corpo, o de um leitor, incessantemente perturbado pela leitura, realmente colado a esse livro, subvertido na minha própria temporalidade e entregue ao tempo da letra, pudesse fazê-lo viajar por esse Grande Sertão, padecendo dessa lógica estoica segundo a qual, a cada palavra, transitavam como febre esses incorporais, a fabricar montagens de cenas para as quais somos conduzidos, de modo a participar na pele de cada personagem ou na identidade velada do próprio autor, duplicada na ficção de uma dupla narrativa.

Concluída a dupla leitura inicial (após as cem primeiras páginas, recomecei sem cansaço ou queixa), era difícil não continuar pensando no fio permanente desse romance digno de figurar ao lado dos maiores da literatura mundial, com a vantagem de ter sido escrito em nossa língua. Poderia continuar sua leitura infinita já que os livros têm essa característica de infinitude, como nos ensinou Borges. Confesso que estou na quinta leitura do livro, mas não tenho pressa e, depois de algum tempo, deixarei de contar. Porém, isso não importa. O que importa é que, ao escrever, ao repetir, ao parodiar, há sempre uma certa possibilidade de transfinitização. Isso porque me encontrei, de repente, prisioneiro desse Grande Sertão, jagunço entre jagunços, testemunha do amor impossível de Riobaldo por Diadorim, fiador da traição sofrida pelo grande chefe Joca Ramiro por obra dos ‘judas’ do Hermógenes e Ricardão, atravessando incessantemente o rio São Francisco, na tentativa de marcar os limites desse Sertão. Quando se entra aí, a única saída é dada forçosamente pela página final, à qual o autor nos obriga, mas nos obstinamos em continuar o livro ao interpretá-lo ou a criticá-lo, ao introduzi-lo numa série ainda mais fictícia do que a que se supõe decifrar.

Os elementos que possibilitam qualquer interpretação encontram-se, sem dúvida, no *Grande sertão: veredas*. Já se afastaria, portanto, qualquer ideia precipitada de que se trata de uma suposta interpretação psicanalítica, numa concepção anterior à de Lacan, do livro, da obra ou do autor Guimarães Rosa. A exterioridade da interpretação suporia que, se pudesse fazer ler, por outro rótulo literário ou por um saber externo, a verdade do livro. Trata-se de traçar algumas homologias. O que Lacan nos possibilita é tomar uma nova conexão entre exterior e interior. O próprio Guimarães Rosa faz uma alusão a isso numa entrevista famosa (ROSA, 1994, p. 50).

A minha tese, que é bem modesta e francamente apologista e fascinada em face de Guimarães Rosa, é que a própria psicanálise pode realçar a singularidade dessa obra, tomando o trabalho intrínseco à própria análise como comprovando no real o que é próprio do trabalho do significante, em sua dimensão de letra, na constituição de um sujeito cujo corpo se decanta de uma travessia decorrente de um ato que une de forma contínua o interior no exterior, mas cujo perigo e tragicidade se ilustram e se expõem na travessia de Riobaldo, travessia do Liso do Suçuarão, que lhe custa uma perda. Testemunhamos ou vislumbramos isso a cada análise quer sejamos freudianos (e os psicanalistas o são, queiram ou não), quer sejamos lacanianos, quer sejamos riobaldianos.

Sem dúvida, há uma relação entre *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, uma relação não de repetição nem de simples apropriação, mas de subversão. Diria que Guimarães Rosa é não euclidiano. Sua subversão é de outra ordem: ele



introduz outra geometria, substitui a descrição geográfica, cara a Euclides da Cunha, por outra que, de certa forma, é topológica, uma topologia da escrita, já que o elemento da letra, a construção da frase é subvertida inteiramente. O Grande Sertão ganha sua espacialidade e sua temporalidade nessa língua ou nessa *alíngua* de Guimarães Rosa. É nesse sentido que ele se infinitiza no próprio corpo do texto, onde o símbolo do infinito aparece. É a sua álgebra mágica (ROSA, 1994, p. 54). Não se trata, a meu ver, de regionalismo. Trata-se de uma retomada de renovação da própria língua.

Carlos Drummond de Andrade fala um pouco disso em sua poesia sobre Guimarães Rosa, que aparece em todas as novas edições de Rosa:

[...] Tinha pastos, buritis plantados no apartamento? No peito?  
Vegetal ele era ou passarinho sob a robusta ossatura com pinta de boi risonho?  
(ANDRADE, 1967)

Essa topologia, tal como na psicanálise, se constitui enodando, nessa escrita, desde o elemento do Grande Sertão, o Grande Outro, de Lacan, até a constituição de cada personagem, de cada sujeito e sua participação na trama. Esse Grande Sertão comporta um vazio no seu ‘centro’, que é o Liso do Suçuarão, e deixa um resto no final, nesse real do corpo de Diadorim.

Essas são apenas considerações iniciais, pontos de demarcação. O tema central do trabalho remete-nos aos dois personagens principais: Riobaldo e Diadorim.

No primeiro terço de seu livro, Guimarães Rosa escreve uma frase que é belíssima na sua tragicidade e reverbera por todo o texto, e antecipa o final do romance:

O senhor mesmo, o senhor pode imaginar de ver um corpo claro e virgem de moça, morto a mão, esfaqueado, tinto todo de seu sangue, e os lábios da boca descorados no branquiço, os olhos dum terminado estilo, meio abertos meio fechados? E essa moça de quem o senhor gostou, que era um destino e uma surda esperança em sua vida?! Ah, Diadorim... E tantos anos já se passaram (ROSA, 1994, p. 178).

O primeiro encontro entre Riobaldo e Diadorim deu-se numa travessia do Rio São Francisco, e Riobaldo o designa como o menino: uma cena que se passa no inominável.

Podemos destacar alguns pontos dessa narrativa: o impacto da beleza do menino e seu caráter agalmático recoberto de sensualidade, da sua altivez, do seu destemor, dos olhos verdes, da voz, do acolhimento, do calor do toque das mãos, em contraste com o desamparo, a vergonha, o medo, a humildade de Riobaldo. Ao mesmo tempo, há um afeto que aparece além de admiração, simpatia, um gostar que se supõe recíproco. Há algo de estranho, contudo, de mistério, que envolve o menino: ele era o dessemelhante. A maneira como ele falou sobre a beleza das flores, dos pássaros, da natureza, a maneira como ele se vestia.

Após a morte da mãe e a descoberta de que seu padrinho era na verdade seu pai, Riobaldo cai no mundo do sertão e, ao se abrigar numa fazenda, reencontra o menino que agora tem um nome: Reinaldo. Nessa narrativa retroativa é que os fragmentos se reúnem. Riobaldo já define aí seu amor por Reinaldo. Era amor vivido no conflito, na negação constante, na estranheza. Trazia, no entanto, esse signo do destino e ancorava-se num real do objeto.

Riobaldo não tinha dúvidas sobre sua virilidade e, ao mesmo tempo, não entendia por que, a cada dia, crescia sua afeição por Reinaldo. Seria coisa do Diabo, algum feitiço.

Certa mudança de humor e questionamento de Riobaldo leva Reinaldo a uma revelação de que o seu verdadeiro nome era Diadorim, nome a ser usado somente na intimidade.

Com a revelação do nome verdadeiro, Diadorim aparece agora em certo grau de desvelamento: ele se expõe mais num aprofundamento da amizade como recobrimento do amor.

Riobaldo não duvidava de que Diadorim gostava dele com a alma. Reinaldo era o guerreiro, o jagunço, o homem terrível, ninguém podia duvidar disso. E Diadorim era a singularidade, a intimidade, a cumplicidade, a abertura poética à beleza do sertão.

Diante desses impasses, Riobaldo formula uma espécie de solução e ao mesmo tempo de promessa para o futuro: irem juntos para umas terras de um tio de Diadorim.

Essa promessa encontra um obstáculo porque é preciso que Diadorim vingue a morte do seu pai, Joca Ramiro. Seu plano ousado implica a travessia do Liso do Suçuarão, que era um deserto no meio do sertão.

Riobaldo aceita atravessar o deserto por amor a Diadorim. Amor também impossível, deserto do amor. A travessia fracassa, pois o meio do Liso era o inferno. A quentura, a dor, o cansaço dos cavalos e dos jagunços.

Digo, o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia (ROSA, 1994, p. 60).

Num segundo momento, Riobaldo retoma o próprio projeto de Diadorim, mas agora como chefe do bando de jagunços. Seu bando já se havia encontrado em diversos momentos com o bando do Hermógenes nas veredas que cortavam o São Francisco.

Essa travessia bem-sucedida tornou possível ao bando de Riobaldo invadir a fazenda de Hermógenes e tomar a mulher dele como refém, isca para atrair o marido e assim consumir a vingança de Diadorim.

Ao saber da invasão, Hermógenes retorna, e Diadorim pede a Riobaldo para ficar na parte elevada da fazenda, porque era um excelente atirador.

Lá do alto Riobaldo viu a chegada do Hermógenes e dos jagunços que, numa espécie de desafio, foram para a rua se enfrentarem à faca. Viu quando Diadorim correu na direção dele, e começaram uma luta corpo a corpo. Ele perde os sentidos ao ver Diadorim esfaquear o Hermógenes e depois desaparecer no meio da luta.

Ao recobrar os sentidos, Riobaldo descobre que Diadorim havia morrido, que a guerra havia acabado com a vitória do seu bando e que Hermógenes também estava morto.

A mulher do Hermógenes pediu que trouxessem o corpo do rapaz moço, de olhos verdes. Riobaldo mandou buscar o corpo de Diadorim, do Reinaldo. Era preciso lavar e vestir o corpo. Nesse momento Riobaldo faz uma descoberta trágica:

Somente no átimo em que eu só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. ... A dor não pode mais que a surpresa.

[...] Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer — mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu soluçei meu desespero.

[...] A vida da gente nunca tem termo real. Eu estendi as mãos para tocar aquele corpo, e estremei, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. E a Mulher estendeu a toalha, recobrando as partes. Mas aqueles olhos eu beijei, e as faces, a boca. Adivinhava os cabelos. Cabelos que cortou com tesoura de prata... Cabelos que, no só ser, haviam de dar para baixo da cintura... E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo:

— Meu amor!... (ROSA, 1994, p. 565)

Riobaldo vai em busca de registros sobre Diadorim nas terras onde ela nasceu.

Só um letreiro achei. Este papel eu trouxe — batistério. Da matriz de Itacambira, onde tem tantos mortos enterrados. Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da era de 1880 e tantos... O senhor lê. De *Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins* — que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor... (ROSA, 1994, p. 565)

É paradoxal pensar no nome de Diadorim e que ressonâncias esse nome poderia ter para Guimaraes Rosa que era um poliglota e lia vários idiomas. Se o *diá* é de início o diabo, Diadorim poderia ser então um presente do diabo, o significante *dóron* em grego tem esse sentido. Em vários momentos Riobaldo se revolta por esse amor em relação a outro homem. Mas, no final, o nome Maria Deodorina revela que se trata de um presente de Deus e o *diá* se lê agora como ‘dia’, ‘através’, e é a frase que termina o romance.

O diabo não há! É o que digo se for... Existe é homem humano. Travessia (ROSA, 1994, p. 568).

O caráter trágico de Diadorim encontra-se justamente desvelado pelas insígnias do batistério onde se gravou de forma oracular a frase do seu destino: “Nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo”.

Havia sempre a duplicidade entre Reinaldo, o brabo jagunço, homem que disputa as coisas no corpo a corpo, à faca, como vai acontecer no desfecho da estória e Diadorim, segredo parcialmente revelado a Riobaldo para ser usado na intimidade. Aqui se encontra a característica do não-toda fálica.

No meio do romance, Guimarães Rosa revela o desfecho, ao descrever o corpo morto de uma moça. É bem impressionante a sua ousadia de trazer a solução do enigma, mas de forma velada, ambígua, já que o leitor (pelo menos o leitor que não conhece o desfecho do romance) não sabe dizer que corpo é esse. O corpo feminino é um velar-se. Se o feminino não é um ser, mas um devir, um tornar-se, é através das promessas para o futuro que ele aparecia como possibilidade. Promessa de revelar algo a Riobaldo, promessa de viajarem juntos para as terras de Diadorim. Como diz Stendal, o belo é uma promessa de felicidade.

Mas no destino de Diadorim estava escrito: “para muito amar, sem gozo de amor”. Nesse sentido, o destino se cumpre integralmente. O amor era uma promessa para depois. Em primeiro lugar vinha o guerrear: de início junto ao pai, tentar estar à altura de sua grandiosidade, para combater em sua causa e depois para vingar a morte do pai, como homem, como jagunço, sem medo, apostando no corpo a corpo, no punhal em que acaba perdendo sua vida. E, assim, o seu corpo feminino só pode aparecer depois da morte. Diadorim aceita a sua *Ate*, a maldição do batistério, no sertão brasileiro dos jagunços, onde pouco lugar há para uma mulher. Não é sem razão que Diadorim fala como oráculo, ao dizer que Riobaldo iria casar-se com Octacília. Ela própria reconhecia a beleza e as qualidades da rival, mesmo que nem rival poderia ser, já que o dever de guerrear vinha primeiro. De qualquer forma, ela aparecia como objeto causa do desejo para Riobaldo. Mas isso era sempre vivido como um amor impossível, nos poucos momentos. Mesmo no final, é Riobaldo que aparece no lugar de seu pai. Diadorim pede sempre a ele que ocupe um lugar de comando, que a ajude a cumprir o seu destino trágico, nunca aceita uma possibilidade de fugir, de ter outra vida, de tornar-se mulher. Se no amor ela poderia tornar-se mulher, é sem gozo de amor. Seu amor por Riobaldo o coloca sempre no alto, como seu pai, lugar de chefe. É ali que Riobaldo assiste à luta corpo a corpo de Reinaldo (Diadorim) com Hermógenes. Ela deixa o pai protegido e enfrenta o real do seu destino. É como real de seu corpo morto que sua feminilidade pode emergir no mundo do sertão.

Se o inconsciente pode repetir como uma sina, algo, como *automaton*, como o destino das pulsões, há sempre outra coisa que se colhe e acolhe de um acaso, de uma *Zufall*, no dizer

de Freud, de uma contingência a fazer surgir uma diferença. Cessa de não se escrever como marca de uma conquista, de uma outra volta a se inscrever.

Diadorim perfaz o que estava escrito. As contingências, os acasos não a fazem mudar de rumo senão para melhor cumprir o seu destino fatal. O corpo de Diadorim é o resto do seu amor impossível, é o objeto do real, mas, ao mesmo tempo, é o objeto da literatura, é o corpo escandido em letras, é o corpo da literatura e também da literaterra, tão impalpável, mas tão concreto porque, no que se escreve, se separa daquilo que não cessa de não se escrever.

**Referências:**

ROSA, J. G. *Ficções completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 1, 1994.

ANDRADE, C. D. Um chamado João. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 nov. 1967.

**Citação/Citation:** Vaz, N. L. L. (2025). *O corpo de Diadorim*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no. 1), pp. 27-32.

**Recebido em: 01/03/2025**  
**Aprovado em: 02/05/2025**